

A CONDUTA DA DEFESA

(Transcrito da Revista "Coletânea", da E.C.E.M.E. de acôrdo com prévios entendimentos)

O CONTRA-ATAQUE

NOÇÕES FUNDAMENTAIS

"A defesa é o emprêgo de todos os meios e métodos disponíveis para evitar, resistir ou destruir um ataque inimigo."

Este é o conceito de defesa constante do mais recente manual de operações do Exército Norte-Americano, editado em setembro de 1954. A doutrina expressa no citado manual consubstancia, por certo, não só os ensinamentos da 2ª Grande Guerra, como também os da campanha da COREIA. Possivelmente, pela primeira vez na história da literatura militar surge, explicitamente, ao ser conceituada a defensiva, a idéia de *destruir* o inimigo.

A MANOBRA DEFENSIVA

A defensiva tem hoje uma forma dinâmica e flexível, sobretudo para enfrentar os blindados, ou mesmo a infantaria apoiada por blindados. Procura-se substituir a rigidez dominante na doutrina defensiva de 1939, por uma defensiva dinâmica. Em vez de linha, estabelece-se uma zona de ocupação e de fogos de toda a sorte.

Antigamente, tratava-se para o defensor de quebrar o ataque e restabelecer uma linha. Hoje, se aceita a penetração como fato inevitável, mas não se admite que esta determine a cessação da resistência na posição. Para isso se prevê seu aprofundamento e o desencadeamento do contra-ataque para resta-

belecê-la e mesmo destruir o inimigo. Daí, então, a necessidade da montagem da manobra defensiva. O CEX estabelece quais os acidentes capitais do terreno a serem mantidos; a Divisão, se fôr o caso, elege os que considera necessários para assegurar a defesa das regiões impostas pelo CEX. Estes acidentes capitais do terreno constituem os "pivots" da manobra para apoiar a defesa de outros pontos, acolher defensores que recuam e, finalmente, servir de base ao desencadeamento de contra-ataques.

A organização do terreno é, pois, um elemento essencial na defesa, constituindo mesmo sua infra-estrutura. Sua relativa rigidez é compensada por elementos tais como a FLEXIBILIDADE dos fogos e a MOBILIDADE das reservas que, acionados pelo Chefe com base nas *Informações* asseguram a execução da manobra defensiva.

O CONTRA-ATAQUE NO QUADRO DA DEFESA

Estes conceitos bem situam o contra-ataque no quadro da conduta da defesa e sua compreensão é indispensável ao E3 de Grande Unidade, principal auxiliar do comandante no planejamento e na conduta dos contra-ataques. O combate defensivo de uma zona constitui um todo, e o contra-ataque é um dos elementos de que dispõe o defensor para des-

truir o inimigo que logrou penetrar na posição defensiva. Os contra-ataques podem ser realizados pelas reservas locais ou pelas de escalões superiores. Só devem ser desencadeados, entretanto, quando seu em-prêgo resulte em ação decisiva. Ao invés de empregar as reservas em ação limitada ou que não seja decisiva, será preferível permitir uma penetração inimiga, bloqueá-la mais no interior da posição e economizar as reservas para um contra-ataque de vulto e decisivo, depois que o inimigo tenha perdido o impulso de sua progressão. Um contra-ataque de tal natureza não deve ser lançado senão depois que considerável força inimiga tenha sido comprometida na ação ofensiva.

ESTUDO DO CASO CONCRETO

QUADRO DO EXERCÍCIO

A 3ª DI, integrante do 3º CEx AZUL, tem por missão defender as alturas imediatamente ao N do Rib do FEIJÃO, no setor que lhe foi atribuído (Ver fig. 1). A defesa do 3º CEx tem por finalidade impedir o acesso do inimigo a S CARLOS DO PINHAL.

A Divisão está reforçada com os seguintes elementos: 210º BCCP, 332º GO-105 AR e 3/970ª G Can Au AAé-40 AR.

A força de cobertura do CEx, o 2º Gpt Rec Mec reforçado, está em contacto com o inimigo no TIETÉ (60 km ao S do Rib do FEIJÃO) e tem por missão retardar sua progressão para o N.

O dispositivo defensivo da Divisão, inclusive o nucleamento até o escalão batalhão, consta da fig. 1.

O 9º RI (— o 2º BI que reforça o 7º RI na PR) tem por missão, inicialmente, estabelecer os PAG da Divisão e, posteriormente, após acolhido, passar à reserva divisionária.

O 210º BCCP e o 3º Esqd Rec Mec, que inicialmente reforçam o 9º RI na missão de PAG, constituirão, também, reserva da DI, depois do acolhimento.

Após haver elaborado a O Op par a instalação defensiva, o E3 da divisão volta suas atenções para o

PLANEJAMENTO DE CONTRA-ATAQUE

Considerando que os contra-ataques de vulto estão intimamente ligados ao sistema defensivo de uma zona e que seu desencadeamento requer tempo considerável, é mister planejá-los com antecedência e o mais pormenorizadamente possível, e mesmo, realizar ensaios no terreno com a tropa designada para executá-los.

Nos exercícios na carta e no terreno, no corrente ano letivo, a ECEME tratou aprofundadamente do planejamento do contra-ataque pelo estado-maior da Grande Unidade (Divisão e CEx). O presente artigo focalizará um desses exercícios.

planejamento da conduta da defesa. Em conjunto com o Subcomandante do 9º RI e com o E2, inicia a preparação dos planos de contra-ataque a serem desencadeados, no caso do inimigo penetrar na posição de resistência.

HIPÓTESES DE PENETRAÇÃO INIMIGA

Os planos de contra-ataque se baseiam em *hipóteses de penetração* do inimigo na posição. Para se determinar essas hipóteses devem ser considerados os seguintes fatores:

— a *missão* da GU, levando-se em conta também sua finalidade e a manobra de conjunto projetada pelo escalão superior;

— o *terreno*, tendo em vista destacar as regiões cuja posse ou manutenção proporcione uma destacada vantagem para ambos os contendores;

— o *dispositivo defensivo* adotado ou, mais precisamente, o nucleamento da posição;

— *vias de acesso* mais prováveis de penetração do inimigo.

Da combinação desses fatores surgirá uma profundidade máxima aceitável para a penetração inimiga na área considerada, no momento do desencadeamento do contra-ataque. A hipótese de penetração é,

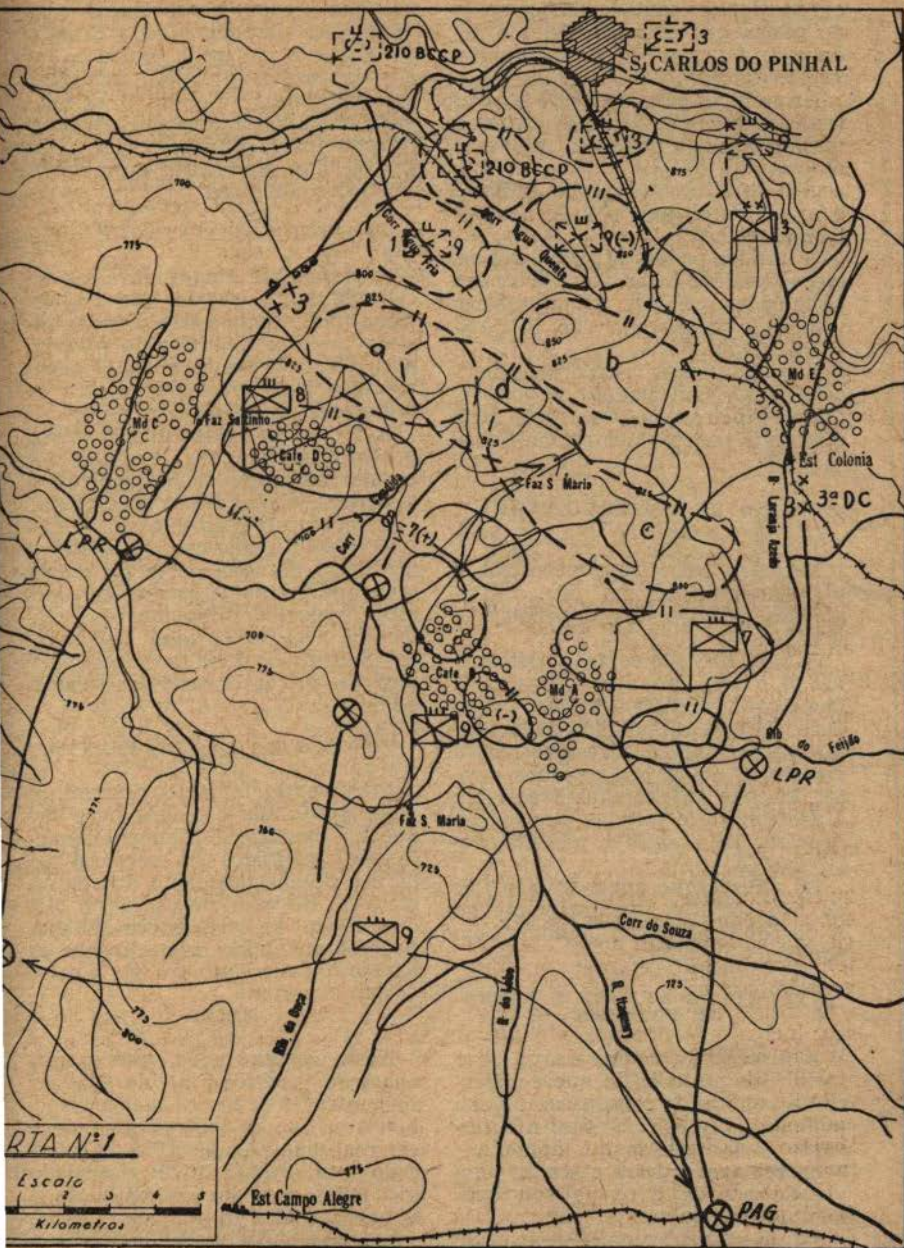


Fig. 1

em geral, representada gráficamente no plano, por uma linha dupla, indicando a região do setor supostamente perdida.

Na zona de ação da 3ª DI há três regiões que, perdidas, comprometem a defesa da posição: região de alturas SE de ANTONIO CALOS, região de alturas N de Faz S Maria e região de alturas a W de Est COLÔNIA.

O inimigo poderá atingir essas regiões dominando as vias de acesso assinaladas na fig. 2, ou mesmo utilizando o corredor de S CANDIDA.

Fazendo reagir essas considerações com o nucleamento da posição, quatro hipóteses de penetração mais prováveis poderão ser estabelecidas (fig. 3).

PLANO DE CONTRA-ATAQUE "BAHIA"

Vejam os como se processaria o planejamento de um dos contra-ataques. Estudemos a penetração BAHIA.

O primeiro elemento a determinar é o objetivo a ser imposto à tropa que vai contra-atacar. Tendo em vista que a finalidade do contra-ataque em aprêço é restabelecer a posição, o objetivo a escolher deve ser tal que sua conquista acarrete a destruição do inimigo que logrou penetrar na posição e permita restabelecê-la.

As alturas que enquadram o Cor de S CÂNDIDA imediatamente ao N do Rib de FEIJÃO atendem bem àquelas condições.

DIREÇÃO DE ATAQUE E LINHA DE PARTIDA

A direção do contra-ataque deve incidir, de preferência, sobre o flanco da penetração inimiga ou no seu ponto mais fraco; facilitar a observação e o emprêgo de blindados; proporcionar à tropa atacante uma via de acesso, livre de compartimentos transversais.

Intimamente ligada à direção de ataque está a determinação da linha de partida que é um elemento de coordenação do contra-ataque. A linha de partida deve ser uma linha facilmente identificável do terreno,

próxima à suposta penetração, sensivelmente perpendicular à direção de ataque e protegida contra os fogos das armas portáteis inimigas.

Para atingir o objetivo selecionado no contra-ataque em estudo; o terreno indica duas direções (Ver fig. 4) que, pela carta apresentam condições idênticas.

POSIÇÃO DE ATAQUE

A posição de ataque deve ser localizada numa região que proporcione fácil acesso, estar o mais próximo possível da linha de partida, não interferir na ação de bloqueamento e estar protegida contra os fogos e as vistas do adversário.

A fig. 4 assinala duas posições possíveis de ataque. A de W foi considerada como satisfazendo, com vantagem, as condições requeridas.

Cumprе salientar que só o reconhecimento no terreno, ou mesmo a utilização de uma carta de escala mais apropriada ao escalão considerado, poderia proporcionar os elementos necessários para decidir-se, em definitivo, qual das duas posições de ataque deveria ser selecionada.

POSIÇÃO DE BLOQUEAMENTO

Finalmente, falta-nos determinar onde aprofundar a posição para bloquear a penetração inimiga enquanto são realizados os preparativos para o desencadeamento do contra-ataque. No caso em estudo, o bloqueamento da penetração BAHIA poderão ser obtido pela ocupação do núcleo d (Ver figs. 1 e 4).

MEIOS

Neste contra-ataque, que é uma operação divisionária, devem ser concentrados todos os meios disponíveis na DI. O contra-ataque deve ser realizado pelo 9º RI (—) reforçado com o 210º BCCP e apoiado por todos os fogos de artilharia e de aeronáutica disponíveis. Como solucionar o problema do bloqueamento? O 9º RI dispõe apenas de dois batalhões, pois o terceiro foi empregado na PR em reforço ao 7º RI. Com que tropa, então a Divisão poderá ocupar o núcleo d para

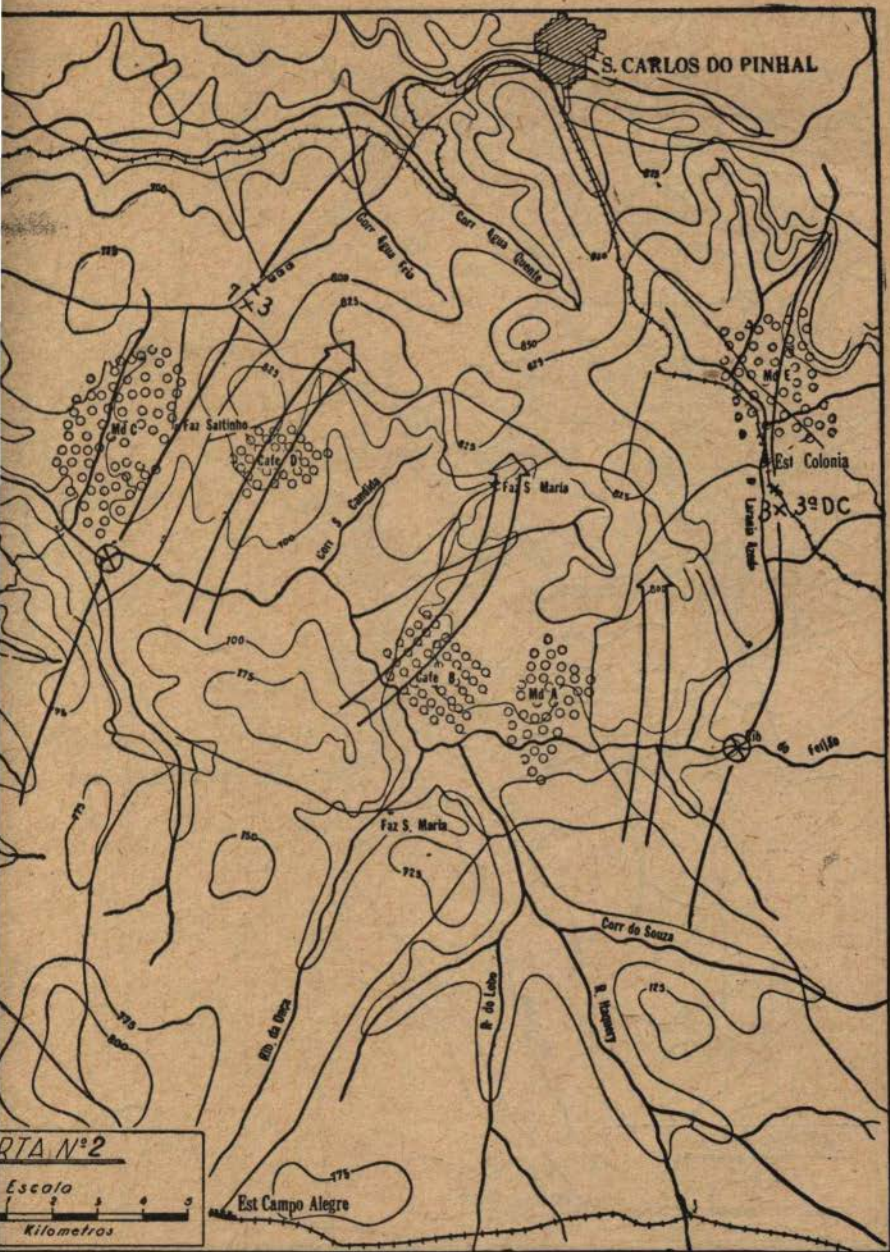


Fig. 2

fazer face à penetração BAHIA? Não há tropa de infantaria disponível. Restam-lhe duas linhas de ação: empregar o BE Cmb, como tropa de ocupação, ou então solicitar ao CEx o reforço de 1 Btl de Infantaria, caso se concretize a hipótese da penetração BAHIA. Vamos admitir que o E3 da Divisão tenha entrado em entendimento com o E3 do CEx, por ordem do Cmt da DI, e que, nesse entendimento, tenha ficado resolvido que o CEx passará à disposição da Divisão, caso necessário, o 1º/21º RI, reserva do CEx.

ELABORAÇÃO DO PLANO DE OPERAÇÕES

De posse desses elementos o E3 da Divisão procederá ao reconhecimento do terreno tendo em vista a elaboração do Plano de Operações, para o contra-ataque considerado. Neste reconhecimento seria de toda conveniência que participasse um representante do 9º RI.

Vamos admitir que, realizados os reconhecimentos, tivesse sido confirmado o estudo feito na carta.

O E3, para a elaboração definitiva do plano de contra-ataque, deve determinar o emprêgo dos demais elementos da Divisão durante a execução do contra-ataque que é, como já foi dito, uma operação divisionária.

O primeiro problema é a organização do comando na PR durante o

contra-ataque. Toda tropa desdobrada na zona do contra-ataque deve ficar sob o comando do 9º RI, inclusive a tropa que realiza o bloqueamento em profundidade. Portanto, é mister definir as zonas de ação dos 7º, 8º e 9º RI pelo reajustamento de limites (Ver fig. 5).

A questão do apoio de fogos merece consideração especial, portanto deve ser preparado o plano respectivo.

No tocante à artilharia, cumpre adaptar a organização de combate da AD por forma a se ter a maioria de meios atuando em proveito da ação do 9º RI.

Um outro problema que o E3 deve encarar é a reconstituição da reserva divisionária. Uma vez desencadeado o contra-ataque, o elemento disponível para este fim é o 3º BE Cmb, porém, todas as unidades de serviço da divisão, exceto o Batalhão de Saúde, devem estar preparadas para se reunir quatro horas depois de notificadas.

Quando o contra-ataque tiver coado o objetivo, a situação exigirá um reajustamento do dispositivo defensivo na posição, quando então a Divisão poderá reorganizar uma reserva de infantaria.

Com estes dados o E3 pode elaborar o Plano de Operações BAHIA (Ver Anexo 1).

Esse plano poderá se transformar numa ordem de operações, introduzidas as adaptações impostas pela situação.

CONCLUSÃO — UM PROBLEMA PARA O LEITOR

Vamos encerrar o presente artigo propondo ao leitor um problema. A fig. 6 apresenta duas linhas de ação para um contra-ataque face à penetração ABRIL (uma em linha cheia, outra em tracejada), indicadas pelo adjunto do E3 da 3ª DI.

Analise as vantagens e desvantagens de cada linha de ação no concernente a: direção de ataque, linha de partida, posição de ataque.

Observe que a linha de ação tracejada comporta duas linhas de partida. Em algumas situações isto é aconselhável. A seleção em definitivo de uma linha de partida seria

função do reconhecimento no terreno, ou mesmo, da situação em que o inimigo se apresentasse, no momento de desencadear o contra-ataque.

Feito o estudo, qual a linha de ação que aconselharia?

Não apresentaremos solução ao problema proposto. O leitor ao procurar solucioná-lo fará uma recordação das características que devem possuir os diversos elementos a serem considerados num contra-ataque, estando portanto em condições de planejar uma operação dessa natureza. Outro não foi o objetivo do presente artigo.

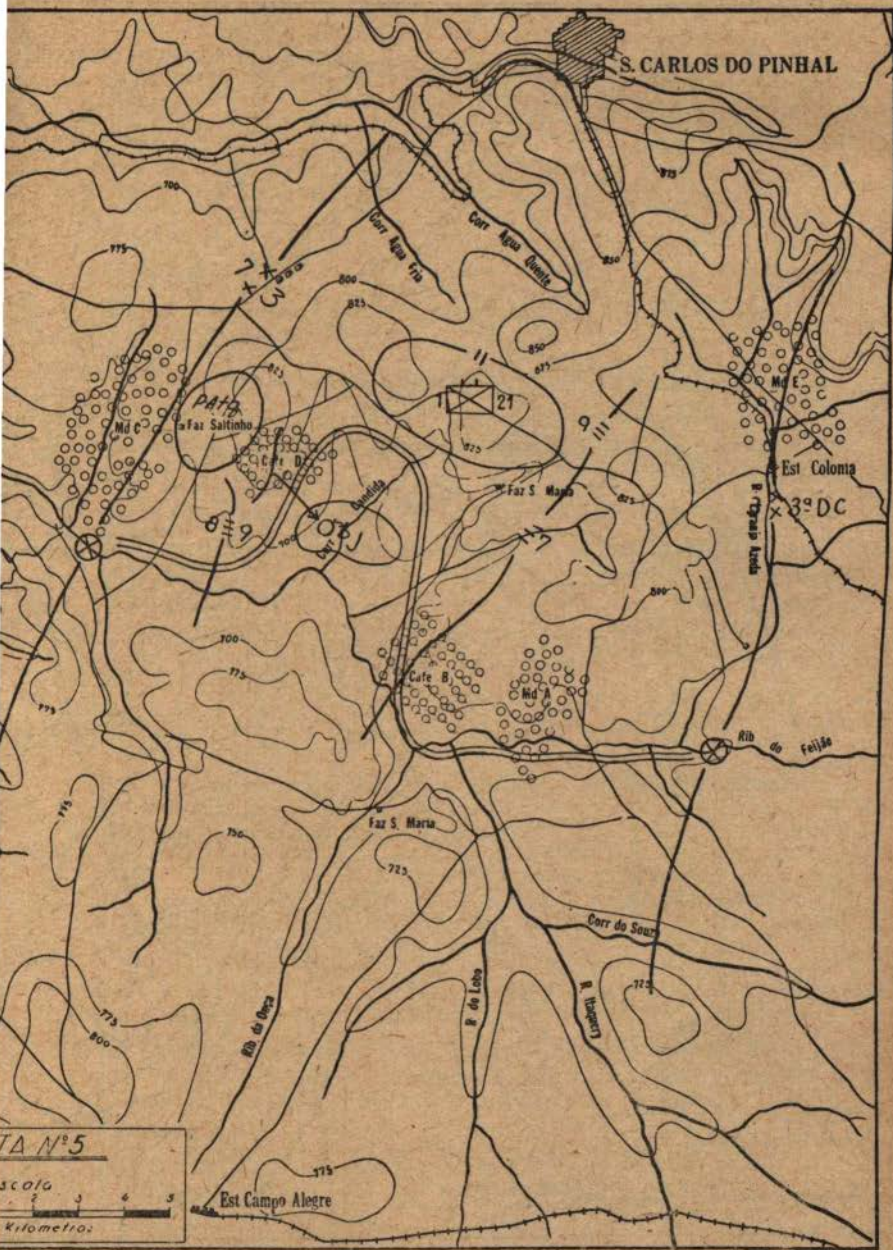


Fig. 5

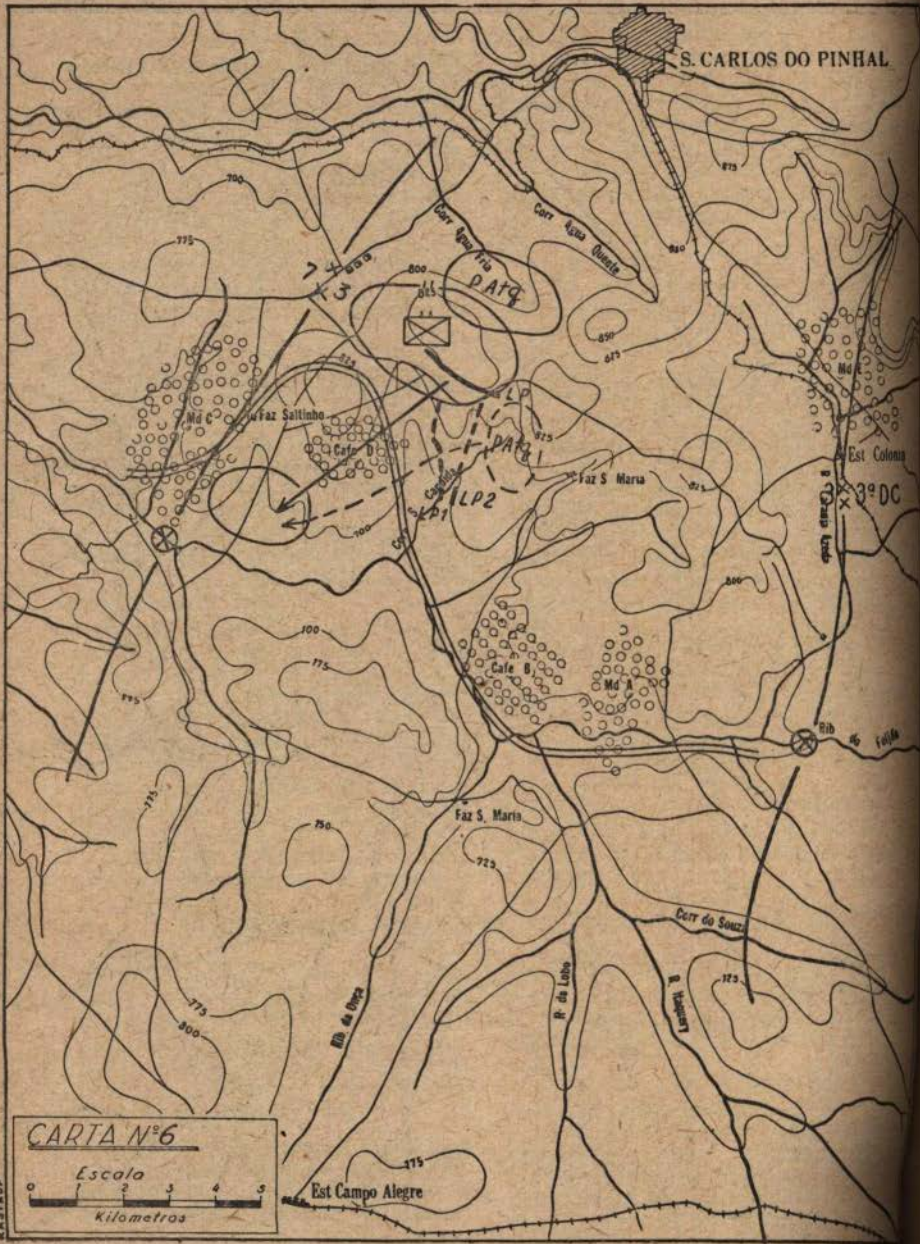


Fig. 6

3º CEx
 3ª DI
 78/3
 Crt: SÃO PAULO
 FI: S CARLOS DO PINHAL
 Esc: 1/100.000

ANEXO

Exemplar n. 1
 Bif Cabeceiras Cor ÁGUA QUENTE
 1330 D-1
 KY 9

SECRETO

PLANO DE OPERAÇÕES "BAHIA"

1. SITUAÇÃO

- a — *Fôrças inimigas*
 (a ser completado quando da transformação do Plano em Ordem).
- b — *Fôrças Amigas*
 (a ser completado quando da transformação do Plano em Ordem).
- c — *Hipótese*
 Penetração do inimigo no corredor de S CÂNDIDA.

2. MISSÃO

An n. 1 — Calco de Op (Fig. n. 5).

- a — Defender as alturas imediatamente ao N do Rib do FELJÃO em seu setor.
 Ref: 1º/21ºRI.
- b — Contra-atacar, à hora H do dia D, na direção Faz SALTINHO — ponta NW do Cafêzal B, para destruir a penetração inimiga e restabelecer a posição.

3. EXECUÇÃO

- a — 7º RI
- (1) Continuar a defender seu subsetor, do Caf B, inclusive, para E.
 - (2) Apoiar o contra-ataque do 9º RI.
- b — 8º RI
- (1) Continuar a defender seu subsetor, nas alturas E de Mato Denso C e de cota 825 E de Faz SALTINHO.
 - (2) Apoiar o contra-ataque do 9º RI.
- c — 9º RI (—)
- (1) Ocupar o núcleo d com o 1º/21ºRI.
 - (2) Ultrapassar os elementos do 8º RI, em sua zona de ação.
 - (3) Tomar a seu cargo a defesa das alturas a cavaleiro do Cor de S CÂNDIDA, após o restabelecimento da posição.
 - (4) Reforços:
 1º/21ºRI
 210º BCCP.
- d — 1º/21º RI
- (1) Reforçar o 9º RI para o contra-ataque.
 - (2) Após o restabelecimento da posição, passará à reserva divisionária, mediante ordem, nas cabeceiras do Cor ÁGUA FRIA.

e — *Artilharia Divisionária*

- (1) 7º GO-105 AR : Ação de conjunto.
- (2) 8º GO-105 AR : Apoio Direto ao 8º RI e Reforço de fogos ao 9º GO.
- (3) 9º GO-105 AR : Apoio Direto ao 9º RI.
- (4) 332º GO-105 AR : Apoio Direto ao 7º RI.
- (5) 3º GO-155 AR : Ação de conjunto.
- (6) 1ª/3º G Can Au AAé-40 AR : Cobrir o 7º GO-105 AR.
- (7) 3ª (—)/3º G Can Au AAé-40 AR : Cobrir PC/DI.
- (8) 3ª/970º G Can AAé-40 AR : Cobrir 332º GO-105 AR.
- (9) 3º G Can Au AAé-40 AR (—) : Cobrir o 8º e 9º GO-105 AR e a Posição de Ataque do 9º RI. Após o restabelecimento da PR, a 2ª/3º G Can Au AAé-40 AR deverá cobrir a zona de reunião do 1º/21º RI.
- (10) Apoiar a defesa, particularmente o contra-ataque.
 - Prioridade de apoio para o 9º RI
 - Prioridade de cobertura antiaérea :
 - Posição de Ataque do 9º RI
 - AD
 - PC da DI.

f — *210º BCCP*

- (1) Reforçar o 9º RI para o contra-ataque.
- (2) Após o restabelecimento da posição, passará à reserva divisionária, nas cabeceiras do Cor ÁGUA QUENTE.

g — *3º Esqd Rec Mec*

Patrulhar e cooperar na defesa da zona de retaguarda e vias de transporte da DI, contra infiltrações e atos de sabotagem.

h — *3º BE Cmb*

- (1) Apoiar o 9º RI com 1 Cia.
- (2) BE (—1 Cia) estar preparado para reunir-se na região de Cabeceiras de Cor ÁGUA FRIA, 2 horas após notificação, e em condições de ser empregado em combate.

i — *Reserva Divisionária*

- (1) 1º/21º RI — mediante ordem.
- (2) 210º BCCP — mediante ordem.
- (3) 3º BE Cmb — mediante ordem.

j — *Prescrições Diversas*

- (1) Este plano entrará em vigor, para efeito de planejamento, ao ser recebido; quanto à execução, só mediante ordem.
- (2) Todas as demais unidades, exceto o Batalhão de Saúde, devem estar preparadas para se reunirem na região das cabeceiras do Cor ÁGUA QUENTE, 4 horas após notificadas, em condições de emprêgo em combate.
- (3) Prioridade para o 9º RI nas estradas que conduzem à posição de ataque.
- (4) Os elementos ultrapassados, do 7º e 8º RI, reverterão às respectivas unidades, mediante ordem.

4. LOGÍSTICA

Ordem Logística n. N + 1

5. LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

a — *Ligações*

(1) PC dos 8º e 9º RI — Faz SALTINHO.

b — *Comunicações*

(1) Índice das IE Com — 1.

(2) Rádio livre.

(3) O Cmt do 9º RI informe — objetivo conquistado — por foguete de estrêlas verdes com pára-quadras, repetidos duas vêzes.

Acuse estar ciente

a) General J
Cmt da 3ª DIAnexo n. 1 — Calco Op.
Distribuição — Lista B

SECRETO

Confere : Ten Cel B
E3COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL
DO BRASIL

FABRICA BANGU

TECIDOS FINOS

EXIJAM SEMPRE A MARCA



QUE GARANTE:

CÔRES FIRMES, PERFEIÇÃO E DURABILIDADE